REVISTA CONEXÃO ELETRÔNICA

A OFERTA DA ESCUTA PSICANALÍTICA NA EDUCAÇÃO: A conversação como uma aposta de trabalho

Sheila Cordeiro Souza Moreira[1]; Eduardo Steindorf Saraiva[2]*

[1] Psicóloga; Especialista em Atenção Primária à Saúde (UNISAM-ES); Mestranda no Programa de Pós Graduação em Psicologia da UNISC- RS Mestrado Profissional em Psicologia; Participante dos Núcleos de Investigação Psicanálise com Crianças Biloquê (EBP-SLO) e Carrosel (EBP- BA) da Escola Brasileira de Psicanálise; Participante do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança (CIEN) da Escola Brasileira de Psicanálise; Docente do curso de Graduação em Psicologia das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; [2] Psicólogo; Mestre em Educação (UFRGS); Doutor em Ciências Humanas (UFSC); Pós-doutor em Psicologia Social (UERJ). Professor adjunto na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), atuando no ensino de graduação e na pós-graduação no Mestrado Profissional em Psicologia

* autor correspondente: eduardo@unisc.br

RESUMO
Este artigo integra a dissertação de uma pesquisa intervenção do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISC – mestrado profissional. A revisão narrativa de literatura realizada discute o vínculo entre psicanálise e educação, destacando a relevância da escuta psicanalítica diante dos desafios pedagógicos contemporâneos. Com base na escuta de professoras da educação básica da rede municipal de uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul e nas demandas enfrentadas cotidianamente em sala de aula, evidencia-se a necessidade de aprofundar as contribuições da psicanálise para o campo educacional. A orientação da clínica ampliada propõe abertura para produção de saberes, valorizando a singularidade do sujeito. O texto enfatiza a importância de acolher situações de conflito sem recorrer à normatização das práticas. A proposta psicanalítica busca construir conjuntamente com o educador, reconhecendo saberes já existentes. Por esse viés, educação ultrapassa o papel de ensinar conteúdos formais e prioriza a escuta docente. Utiliza-se a metodologia da Conversação, proposta por Jacques-Alain Miller, a fim de favorecer o surgimento gradual desses saberes. O educador é considerado agente que necessita ser escutado, permitindo que seu saber e as possíveis soluções frente ao mal-estar do ensino-aprendizagem venham à tona. Assim, destaca-se a necessidade de atenção sensível e dedicada aos relatos dos professores, fortalecendo práticas pedagógicas mais humanas e efetivas.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, educação básica, professores, conversação, escuta

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta o diálogo possível entre a psicanálise e a educação. A teoria psicanalítica, especialmente de orientação lacaniana, contribui para atravessamentos nas práticas pedagógicas da educação básica. Essa perspectiva amplia o entendimento dos desafios presentes no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, permite repensar modelos tradicionais de atuação,

inserindo uma abordagem interdisciplinar relevante. Dessa forma, amplia as oportunidades para reflexão crítica sobre o papel das emoções e do desejo no contexto escolar. A interlocução entre essas áreas também potencializa práticas educativas que respeitem a singularidade do sujeito.

A revisão narrativa de literatura tem o objetivo de corroborar com os encontros realizados com professoras da rede municipal de educação básica no desenvolvimento do projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Psicologia. As participantes relatam, a partir de suas experiências e expectativas, o que a psicologia faz na escola. A partir desse espaço de escuta oferecido às profissionais, apresentam-se algumas contribuições psicanalíticas. Essa metodologia proporciona a valorização dos relatos institucionais, criando um ambiente favorável à escuta sensível das demandas educacionais. As trocas entre pesquisadora e professoras evidenciam a importância de discutir a função do psicólogo de forma contextualizada. O reconhecimento das especificidades da prática revela nuances antes pouco exploradas no cotidiano escolar.

A proposta busca indicar os caminhos possíveis da psicanálise na instituição educacional. Observa-se um desconhecimento quanto ao alcance dessa orientação. Frequentemente, associa-se a psicanálise apenas à clínica em consultório. A psicanálise em extensão, como nos apresenta Lacan (1967), visa promover as modificações dos conflitos cotidianos por meio da presença do analista, sua escuta e o emergir do inconsciente. O desafio está justamente em ampliar o olhar das equipes pedagógicas quanto a essas possibilidades.

Freud (1933) defende que a psicanálise tem lugar na instituição de ensino. Quando dialoga com outras áreas do conhecimento, demonstra que, além dos operativos de normatização pedagógica, há a subjetividade de cada sujeito. Freud assinala a necessidade de considerar as particularidades, mesmo diante das semelhanças entre certos impasses.

A psicanálise sustenta uma prática voltada para o singular diante da tendência contemporânea de universalização. Observa-se a proliferação de diagnósticos e enquadramentos em nomenclaturas identificatórias que anulam a existência do sujeito. Frases como “não aprende” ou “tem Transtorno Desafiador Opositor, por isso não respeita” ilustram tal postura. Essa realidade convoca as professoras a refletirem sobre o lugar pedagógico e sobre as queixas que apresentam em relação aos desafios encontrados.

O mal-estar na educação revela algo que a psicanálise pode oferecer: a escuta. O foco nas nuances subjetivas permite que a relação pedagógica indique novos caminhos para o ensino e a aprendizagem. Mesmo com os atravessamentos, a fala abre espaço para um deslocamento importante. Os culpados pelos desafios de aprendizagem vão saindo de cena e as ressignificações do olhar para cada situação, emergem (PATTO, 2022).

A cultura escolar costuma direcionar as intervenções apenas aos alunos, vistos como aqueles que apresentam “problemas”. No entanto, a escola abriga diferentes agentes, entre os quais o professor ocupa papel central. A inclusão docente nessa perspectiva interdisciplinar produz efeitos relevantes diante das queixas e dos impasses que surgem na prática educativa. Laurent (2017) destaca que a palavra não precisa ser ofertada, pois o sujeito, por natureza, fala; entretanto, o espaço de escuta é essencial para que essa fala encontre um endereçamento adequado.

O estudo apresenta a contribuição da escuta psicanalítica para a educação com base na metodologia da conversação proposta por Jacques-Alain Miller. Ele evidencia os efeitos da criação de espaços de fala para professores no

REVISTA CONEXÃO ELETRÔNICA

contexto escolar. A pesquisa possui caráter qualitativo e fundamentação teórica baseada em revisão narrativa. O objetivo consiste em fomentar as contribuições da psicanálise, por meio da escuta, no campo da educação básica.

O aporte teórico reúne autores clássicos, como Sigmund Freud e Jacques Lacan, e psicanalistas contemporâneos de orientação lacaniana, como Jacques-Alain Miller. Incluem-se também as contribuições de Maria Helena Souza Patto, no campo da psicologia escolar crítica, e de Ana Lydia Santiago, que articula psicanálise e práticas educacionais na perspectiva da clínica ampliada. Outros autores relacionados ao tema compõem as referências.

A busca pelos materiais ocorreu entre julho e novembro de 2024, com a utilização de recursos institucionais, bases de dados como SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), CAPES Periódicos, bibliotecas virtuais e acervo pessoal. Os descritores utilizados incluíram: psicanálise e educação, escuta na escola, conversação e psicanálise, professor e subjetividade, e associação livre.

Os critérios de inclusão abrangeram artigos, livros e capítulos publicados em português, francês ou espanhol, que tratassem da relação entre psicanálise e educação, com enfoque na escuta do sujeito no ambiente escolar. Consideraram-se ainda textos que fundamentassem conceitos essenciais da teoria psicanalítica. Os critérios de exclusão envolveram materiais desvinculados do contexto educacional, produções de orientação comportamental, neurocientífica ou pedagógica, e textos sem articulação com a psicanálise.

A análise e a seleção do material seguiram a articulação entre os referenciais teóricos escolhidos e os modos como evidenciavam os efeitos subjetivos nas práticas escolares. A metodologia da conversação, proposta por Jacques-Alain Miller, orientou a leitura e a interpretação dos resultados obtidos.

2 A ESCUTA NA PSICANÁLISE

A partir da escuta de Anna O., Freud funda a regra fundamental da psicanálise e consolida o método psicanalítico como meio de tratamento ao que causa sofrimento psíquico. A escuta está a serviço do sujeito, permitindo que este faça suas próprias elaborações e fale daquilo que lhe causa mal-estar (Freud, 1893/2006). Desse modo, inaugura-se uma abordagem terapêutica centrada na palavra e na subjetividade do analisando, diferenciando-se das intervenções médicas tradicionais. O método estabelecido por Freud permanece como referência para compreender a complexidade do sofrimento humano em diversos contextos.

A fala torna-se a principal ferramenta do trabalho quando a orientação psicanalítica se insere em espaços como o da escola. Através da associação livre, técnica em que o paciente é encorajado a falar livremente, sem censura ou lógica aparente, múltiplas questões emergem (FREUD,1912/2006). Lacan (1964/2003) ensina que é por meio dos ditos que o sujeito pode se implicar e envolver de alguma forma com o que expressa ou se queixa. Assim, a oferta da escuta revela-se essencial em um trabalho institucional orientado pela psicanálise, pois proporciona uma via para o para que o saber de cada um possa advir. Antes de prever situações ou impor soluções, faz-se necessário, sobretudo, escutar o sujeito em sua singularidade.

Essa escuta deve operar fora da lógica da resolução, da adaptação ou do ajuste, recusando a tentação de diagnóstico como resposta ao sofrimento. A psicologia na escola com uma leitura psicanalítica não atua como gestor de crises, mas como alguém que sustenta a escuta do mal-estar e confia no poder

da fala para produzir deslocamentos. Assim, a presença da psicanálise na escola implica um deslocamento ético: sai da busca por controle para a abertura à singularidade de cada sujeito em sua experiência escolar (COUTO, 2019). Portanto, trata-se de ressignificar os papéis dos profissionais e legitimar espaços de fala autêntica, sem recorrer a rótulos ou generalizações.

O dizer precisa circular sem julgamentos, conceitos pré-concebidos ou saberes já estabelecidos. A orientação psicanalítica deseja construir conhecimentos sem imposição de verdades absolutas, favorecendo a criação de novos sentidos. A psicanálise opera a partir da lógica de apostar no uso da palavra sem, inicialmente, lhe atribuir um sentido definido, constituindo-se como tal à medida em que as falas emergem (BARBARA; MELO, 2022). Ao favorecer um espaço de escuta aberto, incentiva-se o surgimento de discursos singulares que escapam ao saber instituído.

A psicanálise se interessa pelo “o que o outro diz” e não “o que o outro tem”. A partir disso, favorece-se a elaboração subjetiva e recusa-se os enquadramentos que visam rotular comportamentos ou experiências. Os diagnósticos, por exemplo, frequentemente interrompem a escuta, substituem o mal-estar por um rótulo fixo. Nesse sentido, a fala do sujeito tende a trazer sua experiência viva e dinâmica, em vez de apenas informar sobre como ela se classifica (Couto, 2019). Incentivar essa perspectiva enfraquece práticas medicalizantes e contribui para posturas educativas mais reflexivas.

A palavra ganha um estatuto de existência a partir do momento em que ocorre uma atribuição de sentido. Lacan (1954/1996) elucida que ela antecede a tudo, entretanto, só passa a existir enquanto tal a partir do ato de ser comunicada. Ao utilizar a escuta como uma das ferramentas na orientação psicanalítica para as intervenções, permite-se que cada um possa tomar aquilo que é dito e atribuir-lhe sentido próprio. Por isso, o uso da palavra no contexto escolar torna-se elemento central nos processos de subjetivação.

A intervenção analítica não se dá pela imposição de saberes, mas pela escuta que permite ao sujeito elaborar suas próprias questões e conflitos. Dessa maneira, a presença da psicanálise na escola pode promover sustentações subjetivas que colaborem com o processo de ensinar, sem transformar a escola em um espaço de clínica ou de normalização dos comportamentos (FREUD, 1917/2006). O papel do analista, neste âmbito, é propiciar condições para que emergem sentidos novos e respostas singulares às vivências institucionais.

O sujeito encontra múltiplas limitações impostas pelas normas, expectativas e discursos padronizados (SANTIAGO, 2017). A palavra pode funcionar como mecanismo de defesa diante do que sufoca o saber e restringe a expressão subjetiva. Ela se configura como via de acesso ao sujeito, pois, por meio dela, angústias e singularidades ganham forma e legitimidade. Contudo, seus efeitos reverberam somente quando há uma escuta disponível para operar tais construções de sentido.

A escuta não corresponde à interpretação nem à correção, mas sim à sustentação do espaço necessário para que algo novo possa emergir do silêncio ou da repetição. Nesse processo, o sujeito se autoriza a elaborar o que até então estava silenciado, criando condições para deslocamentos que favorecem a produção de um saber singular. Patto (2022) reforça que o sofrimento psíquico que atravessa a escola não deve ser capturado unicamente pela lógica do diagnóstico, sendo imprescindível respeitar a complexidade dos impasses escolares. A escuta cuidadosa visa abrir vertentes inéditas de compreensão e atuação, propondo uma postura ética frente

aos desafios institucionais.

Segundo Freud (1930/2006), o preço pago pelo progresso da civilização é a perda da felicidade completa. Ela não é plenamente possível, de acordo com a psicanálise, pois o sujeito precisa fazer escolhas para conviver em comunidade, e tais escolhas raramente são isentas de desconforto. Na educação, elementos semelhantes aparecem, e a aposta de trabalho da psicanálise pode produzir efeitos que minimizam fatores geradores de inquietação. A escuta abre campo para a manifestação do saber singular de cada sujeito, transformando-se em ferramenta fundamental na abordagem analítica.

A psicanálise em extensão, nomeação de Lacan (1967/2003) para a psicanálise "fora dos muros", deve ocupar o lugar de suporte para a escuta nos lugares em que estiver, sem invadir ou substituir as funções próprias da instituição. Miller (2003) destaca que a escuta é uma aposta na palavra como produtora de verdade. Criam-se condições para que a palavra circule na escola, sem medicalizar ou patologizar os processos educativos, potencializa experiências de aprendizagem mais ricas. Essa perspectiva fortalece o valor do diálogo autêntico nas instituições educacionais.

Uma alternativa para que haja subversão é a oferta da conversa, uma inversão da expectativa de que a psicanálise apresente respostas prontas ou soluções esquematizadas para o sofrimento. Os discursos idealizados, segundo os quais a psicanálise resolveria todas as questões, dão lugar a questionamentos sobre sua posição subjetiva neste contexto (PATTO, 2020). Tal postura estimula o debate e descentraliza a autoridade perante o saber, abrindo espaços para diferentes vozes e experiências no ambiente escolar.

A proposta de trabalho da psicanálise aponta justamente para o acolhimento do que escapa à ordem e não se encaixa em padrões preestabelecidos. A escuta é política: rompe com o automatismo institucional e cria um tempo outro, o tempo do sujeito. Nesse processo, busca-se garantir condições favoráveis para que a implicação do sujeito aconteça e permite-lhe trabalhar o que sente, pensa e vivencia na escola (COUTO, 2019). Com esse enfoque, a escola afirma-se como espaço de cuidado com as subjetividades e de resistência as normatizações.

A conversação é a escolha metodológica de trabalho para as questões relativas à educação, pois oportuniza o surgimento de temas diversos e, por vezes, desafiadores. Por meio dela, possibilita-se que a associação livre emerja também de forma coletiva, ampliando o campo reflexivo dos participantes. O espaço de fala se mantém aberto para diferentes produções, incômodos e elementos que não vão bem na rotina institucional. A conversação não segue roteiro prévio; é orientada pelas demandas e fala dos sujeitos (FONSECA; ASSIS; SANTIAGO, 2020). Essa dinâmica exige escuta ética, flexível e comprometida com a construção conjunta de sentidos no coletivo escolar.

3 CONVERSAÇÃO COMO APOSTA DE TRABALHO PSICANALÍTICO

O psicanalista Jacques-Alain Miller (2003) propõe o método da Conversação. Este dispositivo amplia o campo da escuta e leitura sobre a forma como sujeitos se apresentam diante dos próprios impasses. A metodologia sugere a circulação da palavra, permitindo produções imprevisíveis. O conceito de associação livre coletiva orienta as discussões, tornando possível que a participação subjetiva gere efeitos singulares. O diálogo estabelecido na Conversação estimula o reconhecimento da diversidade de experiências dentro do grupo. A valorização do inédito marca a extensão da escuta psicanalítica aos espaços institucionais.

A conversação[4] não é uma fala solta ou sem propósito, enquanto há escuta do psicanalista da produção de discursiva pelo um do coletivo. Ela desencadeia enunciações sobre o que disto gera mal-estar na coletividade (MILLER, 2003). Assim, se torna possível um espaço para um determinado grupo em que suas questões serão singulares para cada sujeito ali presente.

A escuta psicanalítica, mesmo em grupo, permite a emergência e o reconhecimento de diferentes posições subjetivas. Em certos momentos, discursos similares aparecem; entretanto, a leitura psicanalítica garante acolhimento à singularidade de cada fala (BROIDE, 2019). O trabalho fundamenta-se nos enunciados e sentidos das falas, valorizando o que é subjetivo. O comportamento ocupa papel secundário diante do enfoque sobre o relato individual. A proposta consiste em promover espaço para o saber, ampliando possibilidades de elaboração conjunta no grupo. O respeito às particularidades favorece novas construções coletivas e fortalece o vínculo institucional.

A psicanálise aposta no diálogo como uma via de provocar no sujeito questionamentos que levam à implicação com o que diz. O campo educacional recebe a psicanálise sem respostas prontas ou técnicas fechadas. O método propõe análise do fenômeno e escuta coletiva dos efeitos produzidos (SERRA, 2022). A prática recusa padrões e valoriza emergências singulares, contribuindo na aceitação da diversidade. O ambiente escolar torna-se espaço propício para criação de sentidos múltiplos. A diversidade de vozes fortalece os processos educativos e incentiva inovação nas relações institucionais.

A metodologia da Conversação distingue-se dos grupos terapêuticos tradicionais. A aposta repousa na circulação da palavra, provocando o sujeito em seu modo próprio. Grupos voltados à universalização de resultados possuem foco distinto. Carvalho, Albuquerque e Santiago (2019, p. 2) descrevem: “a conversação é uma metodologia de orientação psicanalítica referida como aposta: não há sucesso garantido”. Cada participante trabalha o que apresenta, sem respostas-padrão para os impasses. O espaço criado permite trocas livres e invenções pedagógicas originais. A ausência de normatização fortalece o caráter autoral das produções subjetivas.

A conversação apoia-se na escuta do singular e promove ambientes que sustentam diferenças em convivência. O trabalho expande-se além dos conteúdos, incluindo afetos e vivências subjetivas que atravessam o cotidiano. O foco sobre a elaboração individual e coletiva valoriza a experiência escolar como processo dinâmico.

> Nesse sentido, as intervenções propostas permitem que seja revelado o impasse que o discente vivencia a partir da sua subjetividade e singularidade na relação com o saber, e que repercute no seu desempenho acadêmico e mesmo nas relações com os colegas, professores e outros profissionais presentes no contexto escolar (Fonseca, Assis e Santiago, 2020, p. 44).

A escuta revela ao docente possibilidades para repensar seu papel, promovendo atuação mais reflexiva. A proposta de Conversação difere da tradicional palestra em ambientes educativos. O objetivo reside na abertura para inovação das práticas de inserção do professor na instituição. O discurso do professor reverbera experiências, ampliando a percepção subjetiva dos desafios. Orientar deixa de ser medida única, abrindo espaço para diferentes soluções. Broide (2019, p. 40) observa: “Só ao se escutar poderiam estar abertos a ouvir o outro”. A reciprocidade enriquece o ambiente

[4] Livre tradução da autora do texto em espanhol

coletivo e estimula o desenvolvimento profissional.

A produção do saber ocorre de acordo com Miller (1996, p. 45): “no intervalo entre o que é dito e o que é escutado”. O saber não pertence ao especialista, mas ao sujeito que fala. A Conversação exige escuta ética, que sustenta o discurso sem antecipar conclusões. O discurso docente promove deslocamentos subjetivos, incentivando práticas inovadoras. Uma experiência construída com o diálogo torna o saber pedagógico maleável e capaz de se transformar. A valorização dos processos dialógicos impulsiona novas propostas pedagógicas.

A contemporaneidade valoriza respostas rápidas, dificultando práticas reflexivas e experimentação de saberes. Escolas adotam modelos prontos, restringindo movimentos inovadores e a Conversação surge como alternativa fundamental, permitindo questões singulares no coletivo escolar. Fonseca, Assis e Santiago (2020, p. 45) afirmam: “Promover que o inédito surja e a palavra circule entre vários... permite queda de ideais de saberes prontos e executáveis”. A dinâmica encoraja experiências inéditas e desloca padrões institucionais. A multiplicidade de ideias favorece o enriquecimento do ambiente escolar.

O espaço para trocas que acontece por conta da Conversação contribui para ambiência criativa e democrática. A escuta psicanalítica estende-se além do setting clássico, mantendo ética do método. A ampliação da escuta institucional reforça os efeitos do inconsciente nas relações educativas e sustenta a singularidade nas práticas escolares. Isto representa avanço do cuidado subjetivo nas instituições de ensino e o reconhecimento mútuo amplia as possibilidades de atuação pedagógica.

Lacan (1973) destaca necessidade de liberdade nas estratégias e rigor ético da psicanálise. A contribuição à educação reside em construir práticas que acolhem singularidade e escutam questões do processo ensino-aprendizagem. O espaço garantido ao singular transforma escola em ambiente sensível ao sofrimento e à diferença. Moretto (2020, p. 71) enfatiza: “ela sustenta que o sujeito tem algo a dizer que ninguém mais poderia dizê-lo em seu lugar”. A escola como espaço de escuta torna-se lugar privilegiado para criatividade dos envolvidos e favorece as diferentes propostas educativas.

A conversação faz emergir experiências e enigmas subjetivos no cotidiano escolar. Relatos iniciais podem parecer semelhantes, mas a palavra subverte e evidencia diferenças. Broide (2019, p. 39) reconhece “a escuta psicanalítica nas situações sociais críticas redimensiona o lugar da palavra, a subverte”. Deslocamento da norma facilita inserção do inédito. A valorização da palavra transforma as produções e as práticas escolares.

A fala origina produções inovadoras e experiências singulares. Processo facilita simbolização das vivências e oferece lugar ao trabalho subjetivo. O reconhecimento do espaço de fala amplia o potencial de invenção nas relações escolares e resulta nas transformações do processo de atuação institucional. A metodologia da conversação garante à palavra espaço para nomear as questões presentes no coletivo. Sujeito, e não discurso externo, realiza nomeação do impasse (Moretto, 2020).

A escuta dirigida aos professores valida saber pré-existente, frequentemente anulado pelos discursos científicos. A valorização da experiência docente incentiva práticas pedagógicas singulares e reconhece as práticas que contribuem para a motivação e criatividade do corpo docente. O saber construído na experiência cotidiana representa fonte fundamental para transformação escolar. A afirmação da singularidade promove enriquecimento de práticas educativas.

A proposta sugere as docentes a valorização da experiência construída e a posição psicanalítica as implica na articulação do campo do saber. O aluno apropria-se do conhecimento conforme sentido produzido na transferência (KUPFER, 1989, p. 99). A interlocução dinâmica entre sujeito e saber permite respostas inovadoras e a flexibilidade criativa potencializa avanços pedagógicos nas instituições.

A construção coletiva favorece busca pelo novo e pela diversidade de experiências. Lacan (1953/1998) diz que o campo simbólico que se recusa aos engessamentos subjetivos e isto fortalece existência do sujeito diante das normas. O professor utiliza o vazio criativo como recurso para inovação pedagógica e o espaço vazio oferece provocação para invenção na prática docente.

Freud (1930/2006) destaca que educação enfrenta mal-estar da civilização sem recorrer à repressão. Acolhimento da palavra sustenta desejo de ensinar. A escuta dos professores representa escolha ética e política na valorização dos processos subjetivos. O espaço de circulação da palavra abre lugar para sentidos inéditos na escola. Reconhecimento das diferenças promove novas perspectivas educativas.

Miller (2003) defende conversação e escuta como meios de suscitar saber singular em professores durante exigências institucionais. A escuta ética promove processos subjetivos dentro das práticas pedagógicas e permite que os professores reinventem trajetórias e busquem alternativas próprias de atuação. Os deslocamentos resultam do encontro com saber, potencializando soluções autênticas para os desafios escolares. A coragem de inovar enriquece o cotidiano escolar e fortalece os processos de formação.

A escola demanda transformação, afastando-se do adestramento para assumir o papel de espaço inovador. O saber não se limita aos modelos prontos, mas emerge quando se abre espaço ao inédito, especialmente na conversação mediada pela escuta. Novos conhecimentos surgem diante de acontecimentos que desafiam a previsibilidade. A capacidade de surpreender-se com o próprio discurso envolve pausa e reflexão sobre as ações cotidianas. O ambiente criativo se fortalece quando a produção do saber é estimulada por metodologias abertas e flexíveis. Instituições que investem em conversações amplificam oportunidades de invenção para todos os envolvidos.

A singularidade aparece nos modos de enfrentamento e nos discursos que surgem diante das experiências cotidianas. O enfoque recai sobre a criação e a reinvenção de sentidos, mesmo frente à repetição dos desafios escolares. A afirmação de Brousse (2003, p. 23) “ela não identifica, ela descompleta” reafirma que, na incompletude, surgem aberturas para o novo dentro das instituições e entre os atores escolares.

O professor ocupa lugar de mediador, intervalo entre o saber institucional e as demandas do aluno. Tal posição não apenas viabiliza a troca de conhecimento, mas também envolve a constituição subjetiva dos estudantes, como destaca Lacan (1964/2003). Dificuldades na elaboração subjetiva do docente repercutem em sua atuação e fragilizam o vínculo com o aluno. A conversação promovida pela psicanálise apresenta limites e possibilidades sem a promessa de curar ou resolver todo sofrimento psíquico. A ética baseia-se no acolhimento da singularidade dos sujeitos institucionais. O trabalho de mediação demanda abertura à fala e respeito aos modos de expressão de cada um.

A conversação permite nomear impasses, simbolizar os incômodos e fortalecer os espaços compartilhados de resolução. A palavra serve como veículo para expressão dos afetos e dificuldades existentes no ambiente escolar. O professor relata suas experiências,

colabora com a construção de soluções criativas para a comunidade. O foco desloca-se das técnicas rígidas para as contribuições pessoais. Lecadèe (2000) reforça que produção parte do que afeta o professor, validando trajetórias individuais. Ambientes institucionais que promovem conversações criam espaços privilegiados para a reinvenção dos saberes escolares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conversação coloca os professores a trabalho das próprias elaborações, tornando possível expor breves elucidações teóricas. A importância do sujeito como parte integrante do processo educacional, juntamente com sua subjetividade, constitui o ponto de convergência entre psicanálise e educação. Ela abre novos campos de estudos e investigações, propicia uma fala que é produto do próprio sujeito, ela se relaciona diretamente com suas histórias e construções ao longo do tempo na educação (LACAN, 1953/1998). O reconhecimento dessa singularidade favorece práticas pedagógicas mais sensíveis e éticas. Ressalta-se a necessidade de considerar a trajetória do sujeito para compreender sua atuação no ambiente escolar.

A escuta psicanalítica possibilita a emergência do sujeito em meio às exigências normativas da escola. Como afirma Miller (2003), “conversar é fazer surgir o inesperado” (p. 63), criando espaço para a reinvenção da educação. A escuta e a palavra assumem papel fundamental na formação dos sujeitos, sendo instrumentos que promovem a transformação do ambiente escolar. A valorização dos discursos singulares contribui para o cultivo da diversidade e para a quebra de paradigmas rígidos. O processo fortalece a autonomia dos educadores e estudantes, estimulando a criatividade e a reflexão crítica.

A fala explicita sofrimento estrutural inerente ao laço social, segundo Freud (1930/2006). Esse sofrimento aumenta quando o sujeito não consegue expressar sua experiência. A ausência da escuta e o acúmulo de demandas produzem adoecimento psíquico e persistente sentimento de desvalorização do trabalho. A falta de espaço para a elaboração das situações vivenciadas reduz a função do professor à execução mecânica de tarefas. O comprometimento do desejo de ensinar e o isolamento institucional agravam o mal-estar. A escuta torna-se necessidade ética e estrutural na prática educativa, sustentando a saúde subjetiva dos educadores.

A conversação não garante respostas definitivas, mas abre possibilidades diversas. Laurent (2004) ressalta que a psicanálise, ao ocupar esse lugar, possibilita construções e “destrava identificações”. O método evita o uso indiscriminado de rótulos para o engessamento e abre portas para outras compreensões. A participação no momento permite trazer à consciência saberes esquecidos e legitimações pessoais. O diálogo coletivo torna-se veículo para a reapresentação dos conhecimentos tácitos, que se revelam por meio da fala e da escuta mútua.

A aposta da psicanálise na educação exige tempo, escuta atenta e disposição para suportar o não saber. Essa postura contraria a demanda institucional por respostas rápidas e eficientes. A prática sustenta rigor ético e teórico, não assumindo controle ou correção, mas apoiando a palavra do outro. A promoção de deslocamentos subjetivos decorre do que cada sujeito constrói a partir de sua experiência (COUTO, 2019). O acolhimento da fala emerge como atitude que potencializa a confiança e amplia a relação pedagógica. O processo amplia as zonas de reflexão e inovação.

Patto (2022) indica que a transformação da escola em espaço de escuta e acolhimento da diversidade exige deslocamento político e ético dos

educadores e gestores. A palavra deve circular livremente, promovendo respeito à diversidade subjetiva e valorização do desejo de aprender. O espaço escolar configura-se como ambiente propício para a formação humana integral, onde a subjetividade ganha lugar legítimo. Essa transformação demanda comprometimento coletivo, participação ativa e criação de dispositivos institucionais que permitam a circulação da palavra e o reconhecimento das diferenças.

A clínica psicanalítica ampliada na educação propicia espaço para que sujeitos escutem a si mesmos e se desloquem subjetivamente. A escuta sem interpretação apressada, diagnóstico ou tentativa de resolução imediata permite a emergência do sujeito. O rompimento com o automatismo institucional convoca modos novos de implicação na prática educacional (COUTO, 2019; SANTIAGO, 2017). O ambiente escolar torna-se, assim, lugar para expressão autêntica e reflexão crítica. A conversação contribui para a criação de espaços seguros de experimentação.

Miller (2003) apresenta a conversação como prática coletiva inspirada no dispositivo clínico da psicanálise. O espaço não se limita à troca de opiniões, mas acolhe o sujeito em sua singularidade, evitando reduções a diagnósticos ou categorias. A conversação possibilita o surgimento de novos sentidos em contextos institucionais, rompendo com discursos padronizados do ambiente escolar. O método fomenta a produção de conhecimento diferenciado, valorizando a diversidade de experiências e a ampliação dos modos de pensar e agir.

A conversação não busca soluções imediatas ou prontas, mas permite caminhos simbólicos emergirem do falar do sujeito. As professoras submetidas a exigências externas, invisibilidade e solidão institucional encontram na palavra espaço transformador. O gesto ético da conversação reconhece a dignidade do educador e legitima a palavra como produtora de saber. O diálogo aberto contribui para o fortalecimento da função docente e a construção de ambientes pedagógicos mais humanos e colaborativos. A formação profissional beneficia-se dessa redescoberta da palavra e da escuta.

A psicanálise exerce efeitos significativos na educação, embora muitos a percebam como inserção recente. A prática da conversação se desenvolve há mais de 20 anos, especialmente em instituições públicas nacionais e internacionais. Esse método destaca-se frente aos impasses educacionais contemporâneos. A interlocução entre a psicanálise e a educação gera saberes inovadores e abre caminho para abordagens que priorizam o sujeito na construção do processo educativo. A metodologia representa uma alternativa eficaz para os desafios atuais da educação.

REFERÊNCIAS

BROIDE, E. KARTZ, I. Psicanálise nos Espaços Públicos. São Paulo: IP/USP, 2019 Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Psicanalise_espacos_publicos.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

BROUSSE, M. H. O inconsciente é a política. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003.

CARVALHO, V.; ALBUQUERQUE, B. SANTIAGO, A. L. Para Além Do Encanto Pelas Palavras, a Indisciplina dos Professores. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/para-alem-do-encanto-pelas-palavras-a-indisciplina-dos-professores/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

COUTO, M. P. As contribuições da psicanálise à educação. Sapere Aude, v. 10, n. 19, p.310-318, 2019. doi: 10.5752/P.2177-6342.2019v10n19p310-318.

FONSECA, L. R. M. ASSIS, T. M. SANTIAGO, A. L. Impasses na aprendizagem e inibição intelectual. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana Núcleo. Rio de Janeiro, 16(31), 40-51, nov. 2020 a abr. 2021 Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_31/pdf/05%20-%20Impasses%20na%20aprendizagem%20e%20inibi%C3%A7%C3%A3o%20intelectual.pdf>. Acesso em: 13 de out 2024

FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1893-1895). Volume II Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, S. Caso Schreber e artigos sobre a Técnica (1911-1913). Volume XII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, S. Sobre a psicologia do escolar (1914). Volume XIII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). Volume XXI. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, S. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Volume XXII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006

KUPFER, M.C. M. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione.1989

LACAN, J. (1953). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Tradução Betty Milan. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. Outros Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACADEÉ, P.; MONIER, F. (orgs). Le pari de la conversation. Institut du Champs Freudien: CIEN Centre interdisciplinaire su l´Enfant. Paris, Brochure, 1999/2000.

LAURENT, E. A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007

MILLER, J. A La pareja y el amor: Conversaciones Clinicas com Jacques-Alain Miller. 1ªed. Buenos Aires, Paidós, 2003.

MILLER, J.-A. El partenaire-síntoma. Buenos Aires: Paidós, 1996.

MORETTO, M. L. T. Abordagem psicanalítica do sofrimento nas instituições de saúde. Disponível em: https://pdf.blucher.com.br/socialsciencesproceedings/iisbsbpsp/08.pdf. Acessado em: 13 de out 2024

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PATTO, M. H. S. Exercícios de indignação: escritos de educação e psicologia. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.

SANTIAGO, A. L. A inibição intelectual na psicanálise Companhia das Letras, 2017.

SERRA L. F. Transmitir e aprender: dilemas do educar contemporâneo. Revista

Estilos da Clínica, São Paulo- SP, v. 27, n. 3, p. 435-450, 2022. ISSN: 1981-1624 Disponível em: https://www.revistas.usp.br/estic/index. Acesso em: 16 ago. de 2024. doi: 10.11606/issn.1981-1624.v27i3p435-450.